

A gramaticalização de *a gente* em Português Europeu: um estudo baseado em *corpus*¹

The Grammaticalization of 'a gente' in European Portuguese: A Corpus-Based Study

Ana Filipa Fonseca

Faculdade de Letras da Universidade do Porto (Portugal)

Centro de Linguística da Universidade do Porto

anafilipul@hotmail.com

Clara Barros

Faculdade de Letras da Universidade do Porto (Portugal)

Centro de Linguística da Universidade do Porto

mbarros@letras.up.pt

Recebido: 30/05/2024

Aceite: 15/07/2024

Publicado: 23/12/2024

ABSTRACT: This article intends to study the process of the grammaticalization of *a gente* which took place between the 13th and the 20th centuries (Lopes, 2004), comparing the different uses of the initial phase of grammaticalization, corresponding to the medieval period, and of the final phase (in the 19th and 20th centuries). To this end, a corpus was constituted composed of 156 excerpts extracted from the Computerized Corpus of Medieval Portuguese (CIPM) and the Corpus of Portuguese (CP) – subdivided into CP-Fiction and CP-News. In general, the results obtained corroborate conclusions already reached in other works on this evolutionary process (Nascimento, 1989; Menuzzi, 2000; Lopes, 2004; Costa & Pereira, 2013). However, we discovered some relevant aspects for this research: the use of a syntactic-semantic test to identify *a gente* with a semantic feature [Φ], the impact of regency on verbal agreement and the relationship between the uses and functioning of *a gente* within the various discursive traditions in which it arises. CP-News data confirm the characteristic tension of journalistic discourse between objectivity and approach to the reader, as the frequencies of the interpretations under analysis are very close (43,6.0% vs. 56,4%) and we even found a verb form in the first-person plural which agrees with *a gente*.

KEYWORDS: Grammaticalization; *A gente*; Verbal agreement; CIPM; Corpus do Português.

RESUMO: Neste trabalho, pretendemos estudar o processo de gramaticalização de *a gente*, que decorreu entre o século XIII e o século XX (Lopes, 2004), confrontando os usos distintos da fase inicial da gramaticalização, correspondente ao período medieval, e da fase

¹ Este trabalho foi financiado pela FCT - Fundação para a Ciência e a Tecnologia, I.P., projeto UIDB/00022/2020, e Bolsa de Doutoramento 2022.11010.BD de Ana Filipa Fonseca.

final (séculos XIX e XX). Para tal, constituímos um *corpus* composto por 156 excertos, extraídos do Corpus Informatizado do Português Medieval (CIPM) e do Corpus do Português (CP) - subdividido em CP-Ficção e CP-News. Em geral, os resultados obtidos corroboram o que é referido noutros trabalhos sobre este processo de evolução (Nascimento, 1989; Menuzzi, 2000; Lopes, 2004; Costa & Pereira, 2013). No entanto, descobrimos alguns aspetos relevantes para esta investigação: a utilização de um teste sintático-semântico para a identificação de *a gente* com traço semântico [Φ EU], o impacto da regência na concordância verbal e a relação entre os usos e funcionamentos de *a gente* com as várias tradições discursivas onde surge - os dados do CP- News confirmam a tensão característica do discurso jornalístico entre objetividade e aproximação ao leitor, pois as frequências das interpretações em análise são muito próximas (43,6% vs. 56,4%) e encontramos, inclusive, uma forma verbal na primeira pessoa do plural a concordar com *a gente*.

PALAVRAS-CHAVE: Gramaticalização; *A gente*; Concordância verbal; CIPM; Corpus do Português

Introdução

A classificação de *a gente* não é um assunto consensual na literatura, sendo discutidas diversas propostas (Sória, 2013, pp. 31-33): a expressão tem sido estudada como um nome (e.g. Nunes, 1919), um pronome indefinido (e.g. Melo, 1980), um pronome de tratamento (e.g. Bechara, 1967), forma substituta de *nós* (e.g. Cunha & Cintra, 1985), um pronome impessoal (e.g. gramática de Vázquez Cuesta e Mendes da Luz, de 1971) e, mais recentemente, como um pronome pessoal (e.g. Nascimento, 1989; Menuzzi, 2000; Pereira, 2003; Lopes, 2003, 2004).

A razão desta hesitação reside no longo processo de gramaticalização de *a gente*, ocorrido entre os séculos XIII e XX (Lopes, 2004). De acordo com Sória (2013, p. 33), podemos resumi-lo da seguinte forma: “→ De substantivo genérico (*gente*) → a pronome indefinido (*a gente*, como uma unidade gramaticalizada) → para, finalmente, pronome pessoal (*a gente*)”.²

Trata-se de uma expressão complexa que possui traços gramaticais e traços semântico-discursivos distintos, como é visível, entre outros aspetos, na concordância verbal (Menuzzi, 2000), onde se verificam três possibilidades de

² Neste estudo só analisaremos o processo de gramaticalização de pronome indefinido para pronome pessoal. A gramaticalização inicial do substantivo *gente* será considerada num projeto futuro, a par de outras estruturas impessoais, como *homem*, no Português Antigo, e *tu*, no Português Contemporâneo.

concordância: a terceira pessoa do singular, a primeira pessoa do plural e a terceira pessoa do plural (Costa & Pereira, 2013).

Assim, com este estudo, pretendemos confirmar o que é descrito na literatura relativamente ao processo de gramaticalização de *a gente*, confrontando duas sincronias onde *a gente* tem dois usos muito distintos: o período medieval, que, neste caso, compreenderá os séculos XIII a XVI, e o período contemporâneo, representado pelos séculos XIX e XX. Considerando sempre as propriedades enunciadas na literatura, aumentamos, contudo, os dados analisados no âmbito da gramaticalização de *a gente*, recorrendo a corpora diacrónicos; deste modo, observamos e analisamos outros aspetos potencialmente relevantes referentes ao uso e funcionamento de *a gente* nos referidos períodos.

O trabalho está organizado em duas secções centrais, a saber, o enquadramento teórico e o estudo propriamente dito, onde descrevemos o corpus e a metodologia, apresentamos a análise dos dados e os respetivos resultados e procedemos à sua interpretação. Teceremos ainda algumas considerações finais.

1. Estado da questão e enquadramento teórico

1.1. *A gente*: de pronome impessoal a pronome pessoal

A gente, utilizado para referir a primeira pessoa do plural ou conjuntos exclusivos de falantes, resulta do uso impessoal do nome *gente* com o artigo definido feminino singular *a*, tendo, com o tempo, perdido o significado lexical próprio do nome (e.o. Lopes, 1999; Posio, 2012).³ Na verdade, como sublinha Said Ali (1971, pp. 92-116), trata-se de um processo frequente alguns nomes transformarem-se em pronomes, a partir de contextos em que adquirem um sentido mais geral, sendo esse processo designado por gramaticalização (e.o. Hopper, 1991; Hopper & Traugott, 1993; Traugott, 2008).

³ Ver nota anterior.

Em Português Europeu (PE), esse processo foi demorado e gradual, tendo ocorrido entre os séculos XIII e XX (Lopes, 2004)⁴. De acordo com esta autora, no século XIII surgiu a primeira ocorrência de *a gente* pronominal – um caso único, num período onde existia também o nome *gente* no singular e no plural.⁵ No século XVI, à medida que a forma singular do nome se torna mais frequente do que a plural, já se encontram casos de interpretação ambígua, em que *a gente* já admite a leitura inclusiva (Lopes, 2004, p. 54). Só no século XIX é possível observar casos de *a gente* combinado com o possessivo *nossa* e respetivas variações, evidenciando, deste modo, traços de primeira pessoa do plural (Lopes, 2004, p. 62) – cf. o exemplo extraído dos dados da autora e transcrito em (1).

- (1) a gente vai mudar as nossas coisas para o terreno. (Séc. XX, Mendes 1981:118).⁶

Por fim, no século XX, *a gente* perde totalmente o traço formal de número – uma perda que se tinha vindo a manifestar gradualmente –, embora mantenha uma leitura semântica pluralizada (Lopes, 2004, p. 54).

No decorrer do processo de gramaticalização, os traços semântico-formais característicos do nome *gente* sofreram algumas alterações que descreveremos em seguida, com base em Lopes (2004).

Relativamente ao traço de número, a subespecificação do traço, própria do nome, deixou de existir, dado que, contrariamente ao nome *gente*, a forma pronominalizada ocorre apenas no singular (cf. *a gente* vs. *esta gente* / *estas gentes*). Contudo, trata-se de uma mudança gradual: a partir do século XVI, com o desaparecimento da expressão *homem* enquanto indefinido, observou-se uma aceleração da perda do traço de número plural, bem como a subespecificação de

⁴ No Português Brasileiro (PB) esse processo terá sido mais célere. *A gente* nesta variedade do Português já está mais gramaticalizado. Em contrapartida, o PE conserva os seus usos nominais ao lado dos pronominais, conforme descrevem Posio & Vilkuna (2013).

⁵ Neste estudo, na análise dos dados CIPM, encontramos, pelo menos, um outro exemplo, no texto das Cantigas de Escárnio e Maldizer.

⁶ Ressalvamos que a formatação de todos os exemplos que surgem neste trabalho é da nossa inteira responsabilidade, pese embora a maioria não ser da nossa autoria.

número, presente até ao século XIX; no século XX, o uso de *gente* apenas no singular tornou-se categórico (Lopes, 2004: 54).

Assim, dá-se uma simplificação (frequente nos processos de gramaticalização, como sublinham Heine & Reh (1984, p. 42)), na qual a distinção gramatical permanece semanticamente presente: a pluralidade é gramaticalmente irrelevante, mas não semanticamente.

Quanto ao género, ocorrem dois fenómenos: formalmente, observa-se a perda do traço, mas ao nível semântico-discursivo verifica-se uma subespecificação, que não consta das propriedades do nome *gente*. Apesar de lexicalmente o nome *gente* se caracterizar por alguma especificação - o seu traço formal de género, [+fem], denota especificação feminina -, a expressão não se restringia apenas à referência de um só sexo, sendo atribuído o traço [+genérico], e, semanticamente, o traço [ΦFEM], visto referir-se a um grupo de pessoas, cujo género semântico não era necessariamente especificado. Durante o processo de pronominalização, perde-se o traço formal [+fem], ou seja, *gente* / *a gente* deixa de ter um género formal; no entanto, semanticamente, observa-se uma subespecificação correspondente ao traço [α FEM] - *a gente* admite referência tanto a homens como a mulheres. De facto, é possível encontrarmos *a gente* com construções predicativas com adjetivos de género feminino (cf. (2)) e com construções predicativas com adjetivos de género masculino (cf. (3)), com referência mista ou exclusiva a homens.

(2) A gente está devastada.⁷

(3) A gente está devastado.

Em relação ao traço de pessoa, *a gente* mantém o traço formal [Φeu] que já caracterizava o nome *gente*, conforme atestam construções com formas verbais de terceira pessoa do singular - ver (4):

(4) A gente chega de férias domingo.

⁷ Os exemplos de (2) a (5) são de nossa autoria, baseados em usos orais frequentes do PE.

Ao nível da interpretação, porém, o traço semântico de pessoa [Φ EU] dá lugar ao traço [+EU] na forma pronominal, incluindo, assim, o falante na sua referência. Repare-se que, mesmo não sendo frequente no PE padrão ou entre falantes escolarizados, admite-se a concordância verbal de *a gente* com a primeira pessoa do plural e, inclusive, a partir do século XIX, encontra-se, segundo a autora, a forma pronominal *a gente* combinada com formas pronominais correlatas (os possessivos *nosso(s) / nossa(s)*), como é visível em (5).

(5) A gente vai buscar as nossas roupas para sair.

Em suma, como resume Lopes (2004), e seguindo os conceitos de Hopper (1991, pp. 22, 28 e 30) referentes ao processo de gramaticalização, constata-se, por um lado, a persistência de algumas propriedades (como a concordância verbal com a terceira pessoa do singular e o caráter coletivo e indeterminado do nome *gente*) e a decategorização, uma vez que a expressão sofreu alterações, tendo perdido as categorias flexionais de nome e adquirido propriedades tipicamente pronominais.

1.2. *A gente*: concordância verbal

Os traços gramaticais de *a gente* não coincidem com os seus traços semânticos, pois os primeiros são de terceira pessoa do singular, enquanto que os segundos são de primeira pessoa do plural.⁸ Esta divergência entre traços⁹ define a concordância de *a gente* dado que ambos os traços estão presentes e ativos em determinadas situações, segundo Menuzzi (2000), o que desencadeia várias possibilidades de concordância (Pereira, 2002).

Nascimento (1989, pp. 485-486) afirma que o uso normativo consiste no recurso à terceira pessoa do singular; já a concordância com a primeira pessoa do

⁸ Ver secção anterior ("1.1. *A gente*: de pronome impessoal a pronome pessoal").

⁹ A divergência de traços não está associada a uma idiosincrasia de *a gente*, na medida em que não se trata de um caso único. O pronome pessoal *vocês* também denota divergência de traços gramaticais e traços semântico-discursivos, como atestam os exemplos de Costa *et al.* (2001):

- a. Vocês, tu e a Maria, comeram as laranjas.
- b. *Vocês, ele e ela, comeram as laranjas.
- c. *Vocês, tu e a Maria, comestes as laranjas.

plural é considerada típica de registos menos cultos. Costa & Pereira (2013), além de exemplificarem estas duas possibilidades (cf. (6a) e (6b)), apontam uma terceira, própria do dialeto micalense, nos Açores: *a gente* a concordar verbalmente com a terceira pessoa do plural, que seria como ilustramos em (6c)¹⁰.

- (6) a. A gente vai à praia.
b. A gente vamos à praia.
c. A gente vão.

Estes autores concluíram que, estando as duas primeiras formas de concordância presentes num mesmo dialeto, escolher uma em detrimento da outra é meramente opcional. Na verdade, todas estas possibilidades tornam a temática da concordância verbal de *a gente* um assunto complexo. Inclusive, Costa *et al.* (2001, p. 653) salientam a “dificuldade dos falantes em emitirem juízos de gramaticalidade, bem como o facto de muitos falantes evitarem construções deste tipo, substituindo a gente por nós”.

1.3. A gente: um pronome diferente

Conforme referido na introdução, a classificação de *a gente* é motivo de discussão devido à divergência entre traços gramaticais e traços semântico-discursivos da expressão¹¹. Destacamos a classificação de pronome pessoal, mais recente e já mais ou menos estabilizada (ver, entre outros, Nascimento (1989), Menuzzi (2000), Pereira (2003) e Lopes (2003, 2004)), que iremos desenvolver nesta subsecção.

Nascimento (1989) apresenta alguns argumentos a favor do estatuto pronominal de *a gente*, tais como a possibilidade de *a gente* ocupar posições de sujeito, complemento direto, complemento indireto ou complemento preposicionado e a concordância verbal com formas de terceira pessoa do singular e/ou primeira pessoa do plural, que evidencia a tendência de *a gente* se fixar como

¹⁰ Este exemplo é de nossa autoria.

¹¹ Ver penúltimo parágrafo da Introdução, que se encontra na página 9.

forma de primeira pessoa do plural, coexistindo com *nós*. Refere igualmente a possibilidade de *a gente* anteceder o pronome reflexivo *se* e de designar uma “pluralidade mais ou menos definida”, arbitrária, a primeira pessoa do singular (*eu*) e a primeira pessoa do plural (*nós*).

Outros argumentos a favor do estatuto pronominal de *a gente* são a interpretação pronominal ou arbitrária e o facto de o género de *a gente* ser definido consoante a interpretação atribuída à expressão retomada (e.o. Menuzzi, 2000).

Contudo, alguns autores, como Taylor (2009)¹², mostram-se resistentes ao estatuto pronominal de *a gente*, já que a expressão apresenta, de igual modo, um comportamento atípico de pronome em duas situações: com quantificadores (ver exemplos (7) e (8) retirados de Costa & Pereira (2013, p. 167)) e com o que o autor designa “teste ‘we man’”. Este teste consiste na coocorrência de um pronome plural com um nome plural simples (“bare plural noun”), como *portugueses*. Apesar de, regra geral, a construção resultar gramatical com *nós* e *vocês* (ver (9)), tal não acontece com *a gente*, como ilustra (10), sendo novamente irrelevante a concordância verbal neste contexto.

- (7) a. Eles dois vão ao cinema.
b. Nós dois gostamos de pizza.
c. Vocês três viram a Maria.
- (8) a. *A gente dois vamos ao cinema.
b. *A gente dois vai ao cinema.
c. *A gente dois gostamos de pizza.
d. *A gente dois gosta de pizza.
- (9) a. Nós portugueses cantamos muito.¹³
b. Vocês estudantes não têm aulas.

¹² O autor defende que *a gente* é um DP que ora pode ter traços singulares (a.), ora pode ser apositivo de um pronome vazio de primeira pessoa do plural (b.). Ou seja, esta proposta justifica, por um lado, o comportamento não-pronominal e, por outro, os padrões de concordância verbal possíveis já aqui referidos.

a. [DP *a gente* [sg]]
b. [DP NÓSpl [DP *a gente* [sg]]]

¹³ Os exemplos (9) e (10) são igualmente retirados de Costa & Pereira (2013).

- (10) a. *A gente portugueses cantamos muito.
b. *A gente portugueses canta muito.

De facto, como podemos observar nos exemplos transcritos, apesar de ser gramatical o enunciado “Nós dois gostamos de pizza” (7b), resulta agramatical a construção “A gente dois gostamos de pizza” (8c) mesmo que a conjugação verbal seja na forma singular. De forma semelhante, embora seja aceitável “Nós portugueses cantamos muito” (9a), substituindo *nós* por *a gente*, a mesma construção resulta agramatical.

Costa & Pereira (2013), defendendo o estatuto pronominal de *a gente*, estabelecem um diálogo com o trabalho de Taylor (2009), de modo a justificar os resultados por ele obtidos. Para tal, os autores recorrem, por exemplo, à Teoria da Ligação (Chomsky, 1999) e concluem que é possível conciliar o estatuto pronominal de *a gente* com os dados observados, uma vez que as divergências no comportamento de *a gente* como pronome se devem a restrições de concordância, nomeadamente no caso de construções em que se observa falta de concordância em domínios locais.

1.4. Síntese

Em relação ao tema do processo de evolução de pronome impessoal a pronome pessoal, observa-se simultaneamente a conservação de algumas propriedades nominais (persistência) e a aquisição de propriedades tipicamente pronominais (de categorização).

Quanto ao tema da concordância verbal, fica comprovada a sua complexidade, dadas as possibilidades de concordância, justificadas pela ativação de traços semântico-formais distintos, e a consequente dificuldade dos próprios falantes em emitirem juízos de valor e optarem por uma delas.

Finalmente, no que diz respeito ao estatuto pronominal de *a gente*, verifica-se que, efetivamente, se trata de um pronome diferente, não devendo o seu estatuto ser colocado em causa. Na verdade, há uma explicação para os comportamentos atípicos observados em algumas construções: as restrições de concordância.

2. Estudo empírico

Nesta secção, apresentamos o estudo realizado. Assim, começaremos por descrever o corpus e a metodologia de análise; depois, apresentaremos a análise dos dados, seguindo-se a discussão dos resultados.

2.1. Corpus

Para a constituição do corpus tivemos em consideração algumas opções metodológicas, nomeadamente em relação ao âmbito temporal e aos contextos discursivos dos dados.¹⁴

No que diz respeito ao critério temporal, centramo-nos em dois momentos diferentes do processo de gramaticalização de *a gente* dados os objetivos deste trabalho, já mencionados na sua Introdução: a fase inicial, do século XIII ao século XVI¹⁵, e a fase final, que corresponde, principalmente, ao século XX, quando a gramaticalização da expressão já estará estabilizada.

Em relação aos contextos discursivos, optámos por abarcar várias tradições discursivas¹⁶ do mesmo período, a fim de perceber melhor o uso e funcionamento de *a gente* nos séculos referidos, pois uma linguística histórica que não considere a diversidade dos textos será, como refere Kabatek (2008, p. 9), “reductora y parcial”.

Neste sentido, escolhemos utilizar duas bases de dados distintas: o Corpus Informatizado do Português Medieval (CIPM) e o Corpus do Português (CP) - subdividido em CP-Ficção e CP-News.

O CIPM possui dados da época medieval de diversas tradições discursivas como cantigas, crónicas, textos jurídicos, textos apologéticos, entre outros. Já quanto aos dados extraídos do CP, os dois subcorpora permitem-nos analisar o uso

¹⁴ Dado que os fenómenos de gramaticalização surgem em contextos particulares de uso, é fundamental relacionar a evolução da forma estudada com um tipo de texto particular.

¹⁵ Consideramos o século XVI como fronteira temporal do período medieval, visto o período mais impactante para a gramaticalização de *a gente* compreender, na perspetiva de Lopes (2004), os séculos XVII, XVIII e XIX.

¹⁶ No âmbito deste trabalho, entendemos o termo *tradição discursiva* no sentido de Kabatek (2006, 2008). De acordo com o autor (Kabatek, 2006, p. 512), é a “repetição de um texto ou de uma forma textual ou de uma maneira particular de escrever ou falar que adquire valor de signo próprio (portanto é significável)”.

e funcionamento de *a gente* em duas tradições discursivas distintas, confrontando-as: a tradição discursiva jornalística, que é bastante específica, que intuímos evidenciar um uso acentuado de *a gente* impessoal, e a tradição discursiva ficcional, que procura reproduzir todos os usos da língua.

O corpus analisado neste estudo é composto por 156 excertos textuais, dos quais 70 (44,9%) foram extraídos do CIPM. Esse conjunto de casos representa os séculos XIII - com 46 exemplos (65,7%) -, XIV - com 1 único caso (1,4%) -, XV - também com 1 caso apenas -, XVI - ilustrado em 22 excertos (o que corresponde a 31,4% dos dados extraídos do CIPM).

Quanto aos excertos retirados da base de dados do CP: 58 (37,2%) são do subcorpus CP-Ficção, dos quais 1 (1,7%) data do século XIX e os restantes datam do século XX, e 39 (25,0%) são do subcorpus CP-News (todos eles datados do século XX).

Para a constituição do presente corpus, consideramos um único critério de seleção: recolher todos os segmentos, quer do CIPM, quer do CP, onde *a gente* funcione como um bloco. Conciliamos este critério com os seguintes critérios de exclusão: ocorrência de quantificadores a introduzir a expressão em análise; expressões resultantes da truncção de *a gente*. Ou seja, excluímos expressões como *a sua gente, toda a gente, a gent'*.

No que diz respeito à recolha e tratamento do corpus, extraímos os enunciados que iremos analisar de duas bases de dados, já referidas, o CIPM¹⁷ e o CP¹⁸, transcrevendo-os para um documento Excel. Posteriormente, com o objetivo de facilitar o manuseamento e, por conseguinte, a análise de dados, identificamos cada excerto recorrendo a uma codificação do tipo CIPMx (CIPM1, CIPM2, ...), para os dados extraídos do CIPM; CPFx (CPF1, CPF2, ...), para os dados extraídos do CP-Ficção; CPNx (CPN1, CPN2, ...), para os dados extraídos do CP-News.

¹⁷ Disponível em <https://cipm.fcsh.unl.pt/>.

¹⁸ Disponível em <https://www.corpusdoportugues.org/x.asp?c=2>.

2.2. Metodologia

Para a nossa análise, optámos por uma metodologia qualitativa e quantitativa, que nos permite descrever e verificar as interpretações de *a gente* (se é equivalente a *as pessoas*, *o povo*, *a humanidade*, *as pessoas* com o traço semântico de pessoa [ϕ EU], ou a *nós*, com o traço [+EU]) e a concordância verbal da expressão em estudo (se se recorre à terceira pessoa do singular, à primeira pessoa do plural ou à terceira pessoa do plural), de modo a constatar como se deu a gramaticalização de *a gente* em PE.

Quanto à anotação, esta foi realizada manualmente pelas próprias autoras.

2.3. Análise dos dados e apresentação dos resultados

Tendo em consideração os objetivos do presente estudo¹⁹, a análise dos dados teve por base dois critérios fundamentais, a interpretação e a concordância de *a gente*.

Deste modo, a análise subdividiu-se em dois momentos. Primeiramente, identificámos qual a leitura de *a gente*, tendo por base três valores possíveis: uma leitura em que *a gente* é semanticamente equivalente a *povo*, *população*, *humanidade* e *as pessoas*; uma leitura em que *a gente* é semanticamente equivalente a *nós*; uma leitura ambígua, em que não fosse possível identificar claramente a interpretação que *a gente* teria. Em seguida, procedemos à análise da concordância verbal, também ela baseada em três valores possíveis: *a gente* concorda com a terceira pessoa do singular; *a gente* concorda com a primeira pessoa do plural; *a gente* concorda com a terceira pessoa do plural.

A fim de facilitar a organização e a compreensão dos resultados obtidos, esta secção será subdividida de acordo com os dois parâmetros em análise já mencionados, a interpretação de *a gente* e a sua concordância.

¹⁹ Os objetivos deste trabalho podem ser encontrados na p. 9 deste trabalho.

2.3.1. Interpretação de *a gente*

Dada a heterogeneidade do corpus em análise, e para estruturarmos os dados de forma clara, esta subsecção será subdividida em três pontos, correspondentes, cada um deles, a um subcorpus: CIPM, CP-Ficção e CP-News.

2.3.1.1. Interpretação de *a gente* nos dados do CIPM

Dos 70 enunciados extraídos do CIPM, 69 (o que corresponde a 98,6%) representam *a gente* semanticamente equivalente a *povo*, *população*, *humanidade* e *as pessoas*, isto é, *a gente* com o traço semântico de pessoa [ϕ EU], tal como ilustrado em (11), (12), (13) e (14).

- (11) Pero que seja a gente d' outra lei [e] descreuda,
os que a Virgen mais aman, a esses ela ajuda. (CIPM1, século XIII)
- (12) E meteo todo este haver que assi andou
apanhando em milho, porque entom era refece, e pose-o em
guarda, e andou guarecendo pelos home~es boos de Galiza,
ataa que veo u~u ano mao em que valia muito o pam, e a
gente morria de fame. (CIPM58, século XIV)
- (13) El rey de Castela fez hyr o co~de estabre co~ toda a ge~te que levava
por assesegar seu reyno e a mostrar a parte que tiinha e~ Portugal. O
co~de estabre, co~ a gente que o iffante do~ Pedro ma~dava,
chegaro~ a Mayorga e foro~ onrradame~te recebydos del rey.
(CIPM66, século XV)
- (14) E acolhido na fortalleza, pomdo regra em seus mantimentos, foy
cercado por todas as partes d este rey dos de Dely, que jaa a este
tempo avya doze anos que lhe fazia a guerra, no quoyal cerco esteve
pouco tempo porque a gente que dentro na fortalleza estava, hera
muyta, e em pouco tempo gastara~o ho mantimento. (CIPM26, século
XVI)

No primeiro caso, a interpretação de *a gente* com um sentido equivalente a *povo* é acionada pelo modificador nominal introduzido pela preposição *de* (*a gente d'outra lei*), tal como ocorre em (11), e em (13) e (14) com as orações relativas introduzidas por *que* ("*a gente que o infante dom Pedro mandava*" e "*a gente que dentro na fortaleza estava*", respetivamente). Trata-se de contextos linguísticos semelhantes, na medida em que, quer o modificador, quer as orações relativas, restringem as entidades a que se referem dentro de um determinado universo referencial. Por outras palavras, referem-se a gentes específicas, caracterizadas por um conjunto de propriedades.

Já em (12), *a gente* consiste numa retoma anafórica da expressão "homens bons da Galiza", partilhando, assim, o seu referente.

Em relação ao enunciado no qual *a gente* possui o traço semântico de pessoa [+EU], sendo semanticamente equivalente ao pronome pessoal *nós*, este é do século XIII e encontra-se transcrito em (15).

(15) ((V15)) E cuidar d'el quen'o vir aqui,
que o vir andar assi calado,
ca nom sabe parte nem mandado
de tal justiça fazer qua[l] lh'eu vi:
leixou a gente adormecer entom
((V20)) e trasnoitou sobr'um hom'a Leon,
e fez sobr'el gram justiça logu'i. (CIPM13, século XIII)

Como se pode observar, é a presença do locutor, evidenciada na construção *lh'eu vi*, que implica a referida interpretação.

2.3.1.2. Interpretação de *a gente* nos dados do CP-Ficção

Dos 58 enunciados extraídos da base de dados do CP-Ficção, 39 (67,2%) - todos eles do século XX - representam *a gente* com o traço semântico de pessoa [+EU], como ilustrado em (16).

- (16) Guiomar bebia-lhe as palavras avinagradas como se elas fôsem de mel, Mas num segundo de clarividência feminina, interrompeu-o: - Porque veio, então? O médico é que se não deixou apanhar: - Nem sei. Dêstea gestos insensatos que a gente tem. Felizmente que a encontrei. Senão já me tinha ido embora. O instinto de Guiomar mandou-lhe que não insistisse. (CPF3, século XX)

Repare-se que, neste exemplo, *a gente* é semanticamente equivalente a um *nós* distinto, com sentido universal, que integra todas as pessoas, como demonstra a comutação de *a gente* por “*todos nós*”, que não altera o sentido do enunciado (cf. “Destes gestos insensatos que *a gente* tem.”²⁰ vs. “Destes gestos insensatos que *todos nós* temos.”).

Quanto a *a gente* com uma leitura semanticamente equivalente às expressões *povo*, *população*, *humanidade* e *as pessoas*, verificámos a ocorrência de 18 casos (o que corresponde a 31,0% dos dados extraídos do CP-Ficção) – cf. (17) e (18). Desses 18, apenas 1 (5,6%) data do século XIX (ver o exemplo (17)). Na verdade, esse é o único dado que conseguimos recolher referente ao século XIX.

- (17) Na Semana Santa j untava às rendas do chapéu a coroa amarga dos espinhos.. por serem estes, para a gente bem-nascida, dias de penitência e dor. E, diante de todo o livro ou de todo o quadro, sentia a emoção e formulava finamente o juízo, que no seu mundo, e nessa semana, fôsse elegante formular e sentir. (CPF23, século XIX)
- (18) E o que se lhe oferecia era Lisboa, o tumulto, os klaxons, os eléctricos, os ditos brutais dos catitas, os galanteios inconvictos e chulos, a gente apressada, o empurrão, o desdém das mulheres bem-vestidas, o futuro vazio, vazio. (CPF10, século XX)

²⁰ Optámos por traduzir o enunciado para português contemporâneo, de modo a facilitar a explicitação.

Note-se que, em ambos os casos, a *gente* surge modificado com um participio passado (*bem-nascida* e *apressada*), que restringe um determinado conjunto de pessoas do qual o locutor se exclui.

Além disso, observámos 2 excertos textuais nos quais a *gente* tinha uma leitura particularmente ambígua. Veja-se (19) e (20):

- (19) É certo que o quadro não fazia qualquer sentido. Teria de pensar nisso. A arte não era brincadeira, não era coisa com que se brincasse. A gente olhava para pinturas e esculturas. O que aquilo significasse não teria qualquer significado, porque a presença do significado anularia o valor do quadro, isto é o que lhe pregara Arean, o especialista de Feraldo, o grandessíssimo ladrão. <> (CPF1, século XX)
- (20) - Olhe, pai - levantara-se e interrompeu-se para beijar a mãe que entrava com a terrina da sopa - boa noite, mãe, trazes uma sopa toda cheirosa. - E para o pai: - Eu já nem sei se o melhor não será aceitar a gente seja o que for. Embora tivesse dito " a gente " referia-se a Vasco e a Dulce, porque sobre si próprio tinha ideias assentes. (CPF9, século XX)

Em (19), a *gente* pode ser interpretado tanto com o traço semântico de pessoa [ϕ EU] como com o traço semântico [+EU], pois não há nenhuma pista linguística que force uma ou outra leitura.

Por oposição, em (20), apesar de, inicialmente, a *gente* ter como leitura preferencial o sentido semanticamente equivalente a *nós* - o contexto, uma conversa entre pais e filho, leva o leitor a interpretar a *gente* como expressão que se refere aos filhos -, o segmento seguinte esclarece as entidades a que o enunciador se estava a referir - "Embora tivesse dito " a gente", referia-se a Vasco e a Dulce, porque sobre si próprio tinha ideias assentes." -, explicitando que a *gente* se refere a um grupo de pessoas do qual o locutor se demarca.

2.3.1.3. Interpretação de *a gente* nos dados do CP-News

Os 39 enunciados extraídos da base de dados do CP-News datam do século XX. Destes 39, a maioria, mais concretamente 22 (o que corresponde a 56,4%), apresenta *a gente* com traço semântico de pessoa [+EU], como o exemplo transcrito em (21).

(21) Mas quando baixava a bandeira, ala para a trincheira que começava a chover morteirada. Andávamos todos a bater-las, eles eram tão obrigados como a gente. (CPN6, século XX)

Como se pode observar, é a forma verbal na primeira pessoa do plural (*andávamos*) que implica a referida interpretação de *a gente*.

Os restantes 17 excertos textuais (43,6%) evidenciam *a gente* com um sentido semelhante a *povo*, *população*, *humanidade* e *as pessoas*, isto é, com um traço semântico de pessoa [ϕEU], conforme ocorre em (22) e (23):

(22) Que o dissesse alto e bom som, para que a gente insatisfeita ficasse de uma vez por todas convencida de que agora as coisas não são assim. (CPN7, século XX)

(23) Interrogam-se também as pessoas sobre as razões que terão levado a gente da aldeia a cometer um crime de autoria colectiva. Há quem atribua as causas ao falhanço das instituições. (CPN31, século XX)

Em (22), tal como acontece em (17) e em (18), existe um modificador de nome (*insatisfeita*), que especifica as entidades a que *a gente* se refere, forçando a referida interpretação. O mesmo ocorre em (23), onde o modificador de nome é introduzido pela preposição *de* (*da aldeia*).

2.3.2. *Concordância verbal de a gente*

Conforme fizemos na subsecção 3.3.1., para apresentar os dados referentes à concordância verbal de *a gente* adotaremos uma subdivisão tripartida, consoante a fonte dos dados analisados: CIPM, CP-Ficção e CP-News.

2.3.2.1. Concordância verbal de *a gente* nos dados do CIPM

Dos 70 enunciados extraídos do CIPM, 53 (75,7%) evidenciam dados relativos à concordância verbal de *a gente*, sendo que não encontramos nenhuma informação referente à concordância verbal de *a gente* no século XV.

Em termos gerais, dos 53 enunciados mencionados, 41 (77,4%) apresentam formas verbais na terceira pessoa do singular, como em (24); 5 (9,4%) apresentam formas verbais na terceira pessoa do plural, como ilustrado em (25); e 7 (13,2%) evidenciam a coocorrência de ambas as formas verbais, terceira pessoa do singular e terceira pessoa do plural, como demonstrado em (26) - (32).

Nos 7 enunciados nos quais *a gente* coocorre simultaneamente com formas verbais na terceira pessoa do singular e na terceira pessoa do plural, verificámos uma tendência: independentemente da variação existente (por exemplo, na quantidade das formas verbais e na sua disposição sintática), nos 7 enunciados (o que corresponde a 100% dos casos) a(s) forma(s) verbal(ais) mais próxima(s) é(são) realizada(s) na terceira pessoa do singular e a(s) mais distante(s) na terceira pessoa do plural.

(24) E segund' as paravlas lle fez o son,
e depois cantó-o con gran devoçon;
e a tempestade quedou log' enton,
e perdeu en logo a gente temor. (CIPM50, século XIII)

(25) E a madr' enton chorando tan toste lle perdõou
e d' iren en romaria de grado llo outorgou;
mais dentro na ssa eigreja sol entrar nono leixou
a Virgen Santa Maria e ouv' enton a ficar

Non pod' ome pela Virgen tanta coita endurar ...
Fora, e entrou a madre. E a gente a veer-
o ve~eron e puxando o cuidaron y meter
per força; mais non poderon daquel logar o mover
que na eigreja entrasse por ben que fossen puxar.

Non pod' ome pela Virgen tanta coita endurar ... (CIPM65, século XIII)

- (26) E ela o rogo deles oyu e sa oraçon;
e estes que se querian mal, perdõaron-ss' enton,
e a gente que y era loaron de coraçõn
a Virgen de que Deus quiso naçer dia de Natal.

Sen muito ben que nos faze a Sennor esperital ... (CIPM16, século XIII)

- (27) E pois entrou en Tolosa, foi llogo fillar pousada
en casa dun grand' erege, non sabend' end' ele nada;
mas quando o viu a gente, foi ende maravillada
e disseron ao fillo: "Dest' albergue vos quitade."

Por dereito ten a Virgen, a Sennor de lealdade ... (CIPM21, século XIII)

- (28) Un trobador de Gasconna era, e trovava
al Con Symon e a muitos, si que sse queixava
a gente del, ca dizian que os de~ostava
mais quantos somos no mundo enquanto vivamos. (CIPM24, século
XIII)

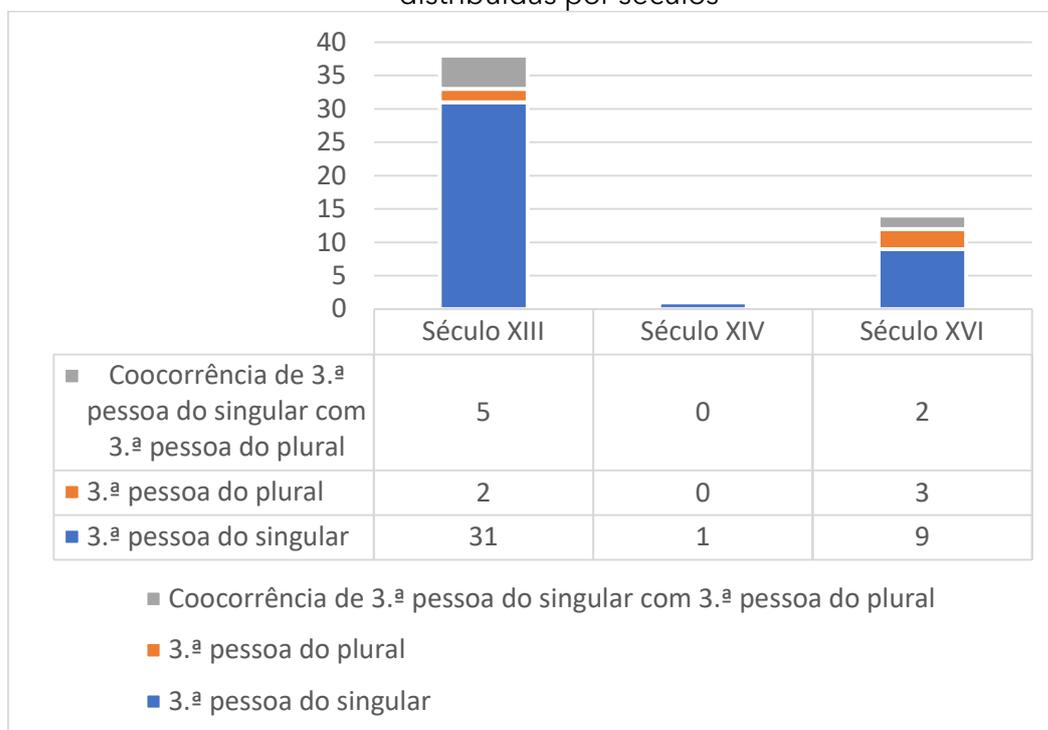
- (29) E acolhido na fortalleza, pomdo regra em seus mantimentos, foy
cercado por todas as partes d este rey dos de Dely, que jaa a este
tempo avya doze anos que lhe fazia a guerra, no quoad cerco esteve
pouco tempo porque a gente que dentro na fortalleza estava, hera
muyta, e em pouco tempo gastara~o ho mantimento. (CIPM26, século
XVI)

- (30) E cada sabbado sa~o obrigadas as molheres solteiras hir ao
paço a baillar e voltear diante do pagode d elrey, que tem dentro nas
suas casas, e a gente d esta terra jejua todos os sabbados, e na~o
comem todo dia, nem de noute, nem bebem augoa, se na~o comem
hu~u pouco de cravo, por amor do bafo (CIPM44, século XVI)

- (31) Tant' é grand' a sa mercee da Virgen e sa bondade ...
 Que aly u u catavan andou ele muit' agy~a
 tres vegadas a eigreja da Virgen Santa Rey~a
 a derredor; e a gente, que lle ben mentes ti~ia,
vírono como entrou dentro, mostrando grand' omildade. (CIPM61,
 século XIII)
- (32) E o colo con o braço tan forte se ll' estorceu,
 que en pees estar non pode e log' en terra caeu;
 mas a gente que viu esto o fillou e o ergueu,
 e correndo à eigreja o levaron de randon.
 Par Deus, muit', é gran dereito de prender gran[d]' ocajon ... (CIPM64,
 século XIII)

Relativamente à frequência de formas verbais encontradas nos dados do CIPM distribuídas por séculos, veja-se o Gráfico 1:

GRÁFICO 1 - Frequência de formas verbais encontradas nos dados do CIPM distribuídas por séculos



(Fonte: elaborado pelas autoras)

Repare-se que observámos apenas 1 concordância verbal (o que corresponde a 1,9% dos dados) que date do século XIV.

2.3.2.2. Concordância verbal de *a gente* nos dados do CP-Ficção

No que diz respeito aos dados do CP-Ficção, foi possível analisar, tendo por base a concordância verbal de *a gente*, 40 enunciados dos 58 que extraímos, o que corresponde a 69,0%. Esses exemplos datam do século XX, pelo que não encontramos nenhuma informação referente à concordância verbal de *a gente* no século XIX.

Nestes 40 enunciados, destaca-se a frequência de formas de terceira pessoa do singular (esta concordância verbal é evidenciada em 38 enunciados - 95,0% dos dados). A título de exemplo, veja-se o caso transcrito em (33).

Apenas 2 enunciados (5,0%) apresentam *a gente* com formas verbais na primeira pessoa do plural, como em (34).

De facto, não foi possível observar nenhum segmento textual onde *a gente* estabeleça uma relação de concordância com formas verbais na terceira pessoa do plural.

(33) A gente que velava o corpo de Hilário, no primeiro andar, foge precipitadamente. (CPF24, século XX)

(34) Chamaram, insistiram, gritaram por ele, nenhuma resposta: continuava ali, como que aparafusado ao leito do rio, certo apenas de que ninguém o havia de matar sem morrer também. - A gente somos malta da Calambata, Serrano. Baixa a arma e sai daí. Acabou a guerra. (CPF57, século XX)

2.3.2.3. Concordância verbal de *a gente* nos dados do CP-News

Já no que concerne aos 39 enunciados extraídos do CP-News, 24 deles (61,5%) denotam dados relativos à concordância verbal. Porém, tal como ocorre com os dados do CP-Ficção, também no CP-News não foi possível encontrar

nenhuma informação referente à concordância verbal de *a gente* no século XIX, pois os 24 enunciados que analisámos, tendo por base esse critério, datam do século XX.

Dos enunciados em questão, 23 (95,8%) apresentam *a gente* com formas verbais de terceira pessoa do singular, como demonstra (35).

O caso que resta, transcrito em (36), consiste na coocorrência de uma forma verbal de terceira pessoa do singular com uma forma verbal de primeira pessoa do plural. Note-se que, à semelhança do que verificámos nos dados extraídos do CIPM onde se observam coocorrências de formas verbais de pessoas diferentes, também neste enunciado a forma mais próxima é apresentada no singular e a mais afastada no plural.

(35) E é verdade que o filme sabe a pouco é como se não houvesse em ele tempo para a descida a os infernos de a corrupção, é como se não houvesse tempo para entrarmos em a cabeça de Henry Fonda e a gente bem queria Ah, como será diferente Corrupção! (CPN15, século XX)

(36) Quem não as marca, não falha. O Boavista merece tudo o que os jogadores têm feito pelo clube. Penso que os associados ficaram satisfeitos com a grande exibição, mas não ficaram satisfeitos com a finalização. É o trabalho da finalização, que a gente tem que afinar, para que não percamos tantas oportunidades», concluiu. (CPN30, século XX)

2.4. Discussão dos resultados

Nesta secção sumariaremos os principais resultados da nossa análise, estabelecendo um diálogo com os trabalhos já existentes citados no enquadramento teórico.

A emergência do uso dá-se no Português Antigo (século XIII), como evidencia o único exemplo encontrado no CIPM²¹. Isto prova que, efetivamente, o processo de gramaticalização de *a gente* se inicia muito cedo na língua, ainda que só no século XX a gramaticalização esteja concluída e a expressão *a gente* como pronome pessoal estabilizada.

Outro aspeto que indicia o processo de gramaticalização reside na evolução do traço semântico de pessoa, ao nível da interpretação, conforme descrito na literatura (Lopes, 2004), pois, enquanto os resultados obtidos nos enunciados que extraímos do CIPM revelam uma preferência preponderante pelo uso de *a gente* com traço semântico de pessoa [ϕ EU], os resultados obtidos nos dados extraídos do CP-Ficção denotam uma preferência pelo uso de *a gente* com o traço [+EU].²²

Em relação a interpretações ambíguas, não foi possível confirmar as afirmações de Lopes (2004), pois os exemplos datados no Período Clássico (século XVI) são todos de interpretação impessoal.

Verificámos também que poderá ser possível identificar a interpretação de *a gente* através de um teste sintático-semântico, pois, quando antecede modificadores oracionais ou nominais, *a gente* é semanticamente equivalente a *povo, população, humanidade* e *as pessoas* (como demonstram as expressões “*a gente d’outra lei*”²³, “*a gente que dentro na fortaleza estava*”²⁴, “*a gente bem-nascida*”²⁵, “*a gente apressada*”²⁶).

Em relação à concordância verbal de *a gente*, comprovámos a tripla possibilidade de concordância (e.o. Costa & Pereira, 2013), embora tenhamos constatado a existência de uma possibilidade *padrão*, particularmente frequente e transversal aos corpora analisados – a forma verbal na terceira pessoa do singular – que atesta o “uso normativo” mencionado por Nascimento (1989).

Além disso, a análise dos dados onde observámos coocorrência de *a gente* com formas verbais na terceira pessoa do singular e na terceira pessoa do plural,

²¹ Ver exemplo (15) na página 20.

²² Salientamos, uma vez mais, o objetivo comunicativo dos locutores do CP-Ficção de reproduzir o mais fielmente possível os diversos usos da língua no quotidiano e naquela época.

²³ Expressão extraída do exemplo (11).

²⁴ Expressão extraída do exemplo (14).

²⁵ Expressão extraída do exemplo (17).

²⁶ Expressão extraída do exemplo (18).

em simultâneo, induz-nos a questionar se a regência terá importância para a concordância verbal de *a gente* como tem para a sua concordância pronominal (ver Menuzzi, 2000).

Por fim, os resultados obtidos permitem-nos afirmar que o uso e funcionamento de *a gente* poderá relacionar-se com a tradição discursiva onde ocorre a expressão em causa, como exemplifica o CP-News. Nesta base de dados, as duas interpretações evidenciam um número aproximado de ocorrências ao nível da interpretação de *a gente*; e ao nível da concordância verbal, o facto de ser a única base de dados onde surge a concordância verbal na primeira pessoa do plural atesta a tensão própria do jornalismo entre objetividade e aproximação ao leitor.

Considerações finais

O objetivo deste trabalho consistia em estudar o processo de gramaticalização de *a gente*, confrontando os seus usos e funcionamento em dois momentos distintos deste processo – a fase inicial e a fase de estabilização da forma pronominal –, aumentar os dados analisados, recorrendo a outros corpora diacrónicos, e ainda apontar outros aspetos potencialmente relevantes que pudessem indicar novos caminhos a seguir na investigação.

De uma maneira geral, os resultados obtidos corroboram o que é referido noutros trabalhos que tratam a gramaticalização de *a gente* e o seu uso e funcionamento.

Fizemos, também, descobertas significativas para a investigação da gramaticalização de *a gente* em Português Europeu. Referimo-nos à aplicação de um teste sintático-semântico para identificar *a gente* com o traço semântico [ϕ EU] – evidenciado pela presença de modificadores –; à influência da regência na concordância verbal, de maneira semelhante ao que ocorre na concordância pronominal de *a gente* (Menuzzi, 2000); e finalmente à correlação entre os usos e funções de *a gente* nas diversas tradições discursivas em que aparece, tal como ilustrado pelo CP-News. De facto, as condições de produção e de circulação de um determinado discurso podem ter influência na interpretação e na concordância verbal de *a gente*. Os nossos resultados referentes especificamente ao CP-News

sugerem que as escolhas associadas a *a gente* evidenciam a tensão característica do discurso jornalístico de procurar objetividade ao mesmo tempo em que se busca uma relação de proximidade com o leitor, uma vez que as duas interpretações apresentam frequências mais próximas (43,6% e 56,4%). Um outro aspeto digno de nota é a ocorrência de uma forma verbal na primeira pessoa do plural, que reforça essa tentativa de se aproximar do leitor.

No decorrer deste trabalho, surgiram algumas pistas relevantes para aprofundar o estudo do uso e funcionamento de *a gente* no âmbito do seu processo de gramaticalização: além de ser necessário alargar o escopo da nossa análise a novos corpora para atestar as hipóteses descobertas já referidas, é relevante fazê-lo para estudar o aparecimento da ambiguidade e o designado “período intermédio” da gramaticalização, que antecipa a fase de estabilização; já num ponto de vista mais atual, questionamo-nos sobre qual será a situação contemporânea - terá vindo a diminuir o uso de *a gente* ou não? Ainda se manterá o destaque da concordância verbal com a terceira pessoa do singular ou a aproximação semântica da forma com o pronome pessoal *nós* gerou, com o tempo, mais ocorrências de concordância com a primeira pessoa do plural? Haverá uma variação entre estratos sociais e variedades diatópicas? E entre modalidades? Será a modalidade oral, frequentemente mais espontânea e familiar, mais propensa ao uso de *a gente* como sinónimo de *nós* e com a forma verbal na primeira pessoa do plural? Um estudo que tenha maior incidência na variação horizontal e vertical da língua poderá detetar mais casos e contribuir para esta investigação. Além disso, e dada a relação já mencionada entre as tradições discursivas e os fenómenos de gramaticalização, exemplificada, neste trabalho, pelo que observamos no CP-News, será igualmente relevante confrontar os usos e funcionamento de *a gente* em diferentes tradições discursivas, estabelecendo uma relação entre a sua frequência e a tipologia textual.

Em suma, reconhecemos que ainda há muito a fazer no que concerne à investigação deste tópico, uma vez que o processo de gramaticalização de *a gente*, como demonstrado neste artigo, foi um processo lento, gradual e bastante complexo, com implicações em múltiplos aspetos, entre os quais a concordância verbal. Deste modo, é importante considerar todas as novas direções e dimensões

que podem ser estudadas para enriquecer o conhecimento deste fenómeno da língua portuguesa.

Referências

- Bechara, E. (1967). *Moderna gramática portuguesa*. Nacional.
- Chomsky N. (1999). *O Programa Minimalista* (E. P. Raposo, Trad.). Caminho (Trabalho original publicado em 1995).
- Costa, J., & Pereira, S. (2013). *A gente: Pronominal Status and Agreement Revisited*. *The Linguistic Review*, 30(2), 161-184.
- Costa, J., Moura, D., Pereira, S., & Araújo, C. (2001). *Concordância com a gente: um problema para a teoria de verificação de traços*. *Actas do XVI Encontro Nacional da APL* (pp. 637-657). APL.
- Cunha, C. F., & Cintra, L. F. L. (1985). *Nova gramática do português contemporâneo*. Nova Fronteira.
- Heine, B., & Reh, M. (1984). *Grammaticalization and reanalysis in African languages*. Helmut Buske Verlag.
- Hopper, P. (1991). *On Some Principles of Grammaticalization*. In B. Heine, & E. Traugott (Eds.), *Approaches to Grammaticalization Volume I. Theoretical and methodological issues* (pp. 17-34). John Benjamins Publishing Company.
- Hopper, P., & Traugott, E. (1993). *Grammaticalization*. Cambridge University Press.
- Kabatek, J. (2006). *Tradições discursivas e mudança linguística*. In T. Lobo, I. Ribeiro, Z. Carneiro, & N. Almeida (Orgs.), *Para a história do português brasileiro. Volume VI: novos dados, novas análises. Tomo I*. EDUFBA.
- Kabatek, J. (ed.). (2008). *Sintaxis histórica del español y cambio lingüístico: Nuevas perspectivas desde las Tradiciones Discursivas*. Iberoamericana/Vervuert.
- Lopes, C. R. S. (1999). *A inserção de a gente no quadro nominal do português: percurso histórico* [Dissertação de doutoramento não publicada]. Universidade Federal do Rio de Janeiro.
- Lopes, C. R. (2003). *A inserção de a gente no quadro pronominal do português*. Iberoamericana/Vervuert.
- Lopes, C. R. S. (2004). *A gramaticalização de a gente em português em tempo real e de longa duração: retenção e mudança na especificação dos traços intrínsecos*. *Fórum Linguístico*, 4(1), 47-80.
- Melo, G. C. (1980). *Gramática fundamental da língua portuguesa*. Ao Livro Técnico.
- Menuzzi, S. M. (2000). *First Person Plural Anaphora in Brazilian Portuguese: Chains and Constraint Interaction in Binding*. In J. M. M. Costa (Ed.), *Portuguese Syntax: New Comparative Studies*. Oxford University Press.
- Nascimento, M. F. B. (1989). *A gente, um pronome da 4ª pessoa*. *Actas do Congresso sobre a Investigação e Ensino do Português* (pp. 480-490). Ministério da Educação / ICALP.
- Nunes, J. J. (1919). *Compêndio de Gramática Histórica Portuguesa (Fonética e Morfologia)* (8ª ed.). Livraria Clássica Editora.
- Pereira, S. (2002). *Concordância com a gente à luz da Morfologia Distribuída*. In M. A. P. Mendes, & T. Freiras (Coord.), *Atas do XVIII Encontro Nacional da*

- Associação Portuguesa de Linguística* (pp. 653-662). Universidade do Porto. APL.
- Pereira, S. (2003). *Gramática Comparada de a gente: variação no Português Europeu* [Dissertação de Mestrado não publicada]. Universidade de Lisboa.
- Posio, P. (2012). Who are 'we' in spoken Peninsular Spanish and European Portuguese? Expression and reference of first person plural subject pronouns. *Language Sciences*, 34(3), 339-360.
- Posio, P., & Vilkuna, M. (2013). Referential dimensions of human impersonals in dialectal European Portuguese and Finnish. *Linguistics*, 51(1), 177-229.
- Said Ali, M. (1971). *Gramática histórica da língua portuguesa*. Melhoramentos.
- Sória, M. (2013) *Nós, a gente e o sujeito nulo de primeira pessoa do plural* [Dissertação de Mestrado, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa]. Repositório da Universidade de Lisboa.
https://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/12218/1/ulfl157008_tm.pdf
- Taylor, M. (2009). On the pronominal status of Brazilian Portuguese *a gente*. *NYU Working Papers in Linguistics*, 2, 1-36.
- Traugott, E. (2008). Grammaticalization, constructions and the incremental development of language: Suggestions from the development of degree modifiers in English. In R. Eckardt, G. Jäger, & T. Veenstra (Eds.), *Variation, Selection, Development - Probing the Evolutionary Model of Language Change* (pp. 219-250). Mouton deGruyter.
- Vázquez Cuesta, P., & Luz, M. A. M. (1971). *Gramática da Língua Portuguesa* (A. M. Brito, & G. Matos, Trad.). Edições 70.